

Ficha Técnica

Direcção de Publicação:

Ana Tarouca
Pedro Pires

Design Gráfico:

Nuno Domingues

Revisão de texto:

José Brito Soares

Edição:

Instituto de Apoio à Criança
Largo da Memória, 14
1349-045 Lisboa

Periodicidade: Bimensal

ISSN: 1647-4163

Distribuição gratuita

Endereço Internet:

www.iacrianca.pt

Blogue:

[Crianças a torto e a Direitos](#)

Serviço de Documentação:

Tel.: (00351) 213 617 884

Fax: (00351) 213 617 889

E-mail: iac-cedi@iacrianca.pt

Atendimento ao público, mediante marcação

-De 2ª a 5ª feira, entre as
9.30h e as 16.00h

-6ª feira entre as 9.30h e
as 12.00 horas

Para subscrever este boletim digital envie-nos uma mensagem para

iac-cedi@iacrianca.pt



Sobre Abuso Sexual Intrafamiliar definimos

Abuso Sexual

Define-se como a exploração de uma criança/jovem para satisfação sexual de outra pessoa, geralmente por contacto sexual sem o consentimento esclarecido da criança/jovem na relação com o abusador. Este tipo de abuso pode ser levado a cabo através de coacção ou jogos de sedução afectiva perpetrados por um adulto ou outra criança/adolescente em relação ao qual a criança/jovem vitimizada possa manter uma relação de dependência. As formas mais comuns de agressão sexual contra crianças/jovens são as carícias, o contacto com os genitais, a masturbação (uni ou bilateral) e a penetração sexual vaginal, anal ou oral, quer com o pénis quer com dedos ou objectos.

O abuso sexual pode ainda envolver situações de exploração sexual visando lucros, por exemplo a prostituição e a pornografia. Os abusos sexuais são um fenómeno que envolve:

- Medo
 - por ameaças repetidas de desmentido;
 - por vir de uma criança;
 - de agressões físicas e psicológicas repetidas;
 - até de morte.
- Vergonha
- Culpa

Por isso é cercado pelo silêncio e pelo secretismo, difíceis mas não impossíveis de quebrar, desejavelmente por profissionais preparados para o efeito.

Abuso Sexual Intrafamiliar

Utiliza-se esta expressão para caracterizar o abuso sexual que ocorre dentro do sistema familiar da criança/jovem. O agressor pode ser o pai, um irmão, primo, avô, tio, ou seja pessoas com relação de consanguinidade; por extensão é igualmente considerado como agressor intrafamiliar o padrasto/madrasta, um(a) novo(a) namorado(a) da mãe ou do pai da criança/jovem, um amigo da família, todos aqueles que mesmo sem nenhum grau de consanguinidade convivem no contexto familiar com a criança/jovem a ponto de com ela estruturarem laços afectivos. Embora menos frequente, também pode existir abuso sexual por parte de familiares

do sexo feminino. A designação genérica para qualquer destas situações é incesto ou relação incestuosa.

*Estas definições foram retiradas do glossário de termos técnicos da monografia **Linhas orientadoras para actuação em casos de indícios de abuso sexual de crianças e jovens**, editado pela Casa Pia de Lisboa em 2010.*

[Disponível on-line](#)

“A violência sexual contra as crianças é uma actividade criminosa e a gravidade torna-a problema social a requerer uma atenção e um tratamento especial. Afinal, é constituída por actos de natureza sexual praticados por um adulto contra uma criança e tipificados como crime.

[APAV, 2002: 19](#)



Relação entre violência sexual e violência doméstica

A violência sexual contra as crianças pode ter uma relação estreita com um problema mais vasto, mais abrangente – o da violência doméstica. Isto é: os crimes sexuais praticados contra uma determinada criança podem fazer parte de um conjunto mais vasto de crimes, praticados em contexto doméstico. Conjunto esse que compõe o fenómeno da violência doméstica. Relacionados com o abuso sexual dessa criança podem estar os maus tratos e a negligência que também sofre por parte do mesmo ou também de outros agressores; bem como o testemunho ou a assistência quotidiana à vitimação de outras pessoas do agregado familiar: mãe, avô, irmãos, etc.

[APAV, 2002: 24](#)

Aspectos gerais do abuso sexual incestuoso

O abuso sexual incestuoso pode ter, entre outras, as seguintes características:

1. **o parentesco e a relação familiar.** O agressor abusa sexualmente de uma criança à qual está ligado por laços de parentesco, biológico ou de adopção, ascendente, descendente ou colateral; e da relação familiar existente para o fazer;
2. **a relação familiar assimétrica.** O agressor pode usar de poder psicológico e físico sobre a criança, porque tem verdadeiramente uma posição de superioridade dentro da família em relação ela. A criança pode sentir-se obrigada a

obedecer-lhe apenas por ele ser mais velho e poder ser uma figura tutelar dentro da família (por exemplo, ser o seu pai ou irmão mais velho, etc.);

3. a relação afectiva. O agressor pode usar como estratégia uma relação afectiva já existente entre ele e a criança sua familiar para introduzir, entre gestos de afecto, actos de violência sexual (por exemplo, beijá-la na cara, mas beijá-la progressivamente em outros locais, como a barriga, as pernas, os órgãos genitais, etc.);

4. a ambiguidade afectiva e a confusão relacional. O agressor pode usar como estratégia uma ambiguidade afectiva e uma confusão relacional, nas quais confunde a percepção dos actos por parte da criança, que pode não conseguir discernir o que se trata cada gesto – se manifestações de afectividade, se actos de violência (por exemplo, uma filha pequena tenderá a pensar que é natural que o pai lhe mostre o pénis erecto e lhe peça para beijá-lo ou lambê-lo como a um doce, tal como lhe pede beijos na testa ou na face, etc.);

5. a unidade conjugal e familiar. O agressor pode fazer convencer a criança, dizendo-lhe que, se ela contar a alguém o que se passa entre ambos, o casamento dos seus pais poderá acabar e a família poderá desmoronar-se por causa dela (por exemplo, um pai que abusa sexualmente de uma filha adolescente, diz-lhe que se a mãe souber, vai achar que a culpa é dela, que lhe roubou o marido, etc.);

6. a violência doméstica. O agressor pode exercer violência doméstica sobre o seu cônjuge e/ou sobre os outros elementos do agregado familiar, aproveitando-se do medo que todos sentem da sua ameaça, maus tratos e dano, etc. para abusar sexualmente da criança (por exemplo, o pai que maltrata a mulher e os filhos, tem facilidade em abusar sexualmente destes, etc.);

7. a repetição geracional. O agressor pode exercer violência sexual sobre os seus filhos, meninos ou meninas, ou ambos os sexos (por exemplo, abusando da filha mais velha, mas também do filho segundo, um menino, etc.), podendo começar no mais velho, depois seguir, um a um, até ao mais novo (por exemplo, começar a abusar a mais velha, depois deixar quando esta cresce, para começar a abusar da seguinte, até que ela cresça, para depois passar à terceira, etc.). Pode ainda abusá-los separadamente mas no mesmo período de tempo (por exemplo, abusar da mais velha na segunda-feira e na terça-feira do mais novo; abusando na sexta de novo a mais velha, etc.). Pode também passar a abusar os netos e os sobrinhos e sobrinhos-netos, se estiverem ao seu fácil alcance, formando, assim, uma repetição do abuso de geração em geração.

8. a convivência e a negligência. O agressor pode contar com a convivência, ou negligência, dos seus familiares, sabendo estes do seu comportamento efectivo para com as crianças da sua família (por exemplo, saber que as crianças se queixaram ou comentaram que o pai lhes mexia no ânus ou nos órgãos genitais, etc. e não fazer nada para verificar o que se passa, sem o confrontar etc., deixando-as conviver com o pai sem qualquer vigilância, etc.), ou



A violência sexual contra as crianças implica contactos e interações entre um adulto e um menor de idade, sendo este a vítima e aquele o criminoso, ou agressor.

Estes contactos e interações podem ser esporádicos ou continuados num período extenso de tempo. Visam a estimulação e satisfação sexual do adulto e podem resultar num conjunto de consequências nefastas para a criança, designadamente aos níveis psicológico, físico e psicossocial.

sabendo, de antemão, que tem desejo sexual por crianças (por exemplo, saber que o avô, no passado, abusou sexualmente de três meninos e deixá-lo com o neto pequeno tardes inteiras, sem vigilância, etc.);

9. **a privacidade e o segredo.** O agressor pode aproveitar-se da privacidade oferecida pela vida familiar, passada em retiro da vida pública, para abusar sexualmente das crianças da sua família, sem ser necessário procurar outras crianças, no exterior. Pode também beneficiar do segredo que a família pode optar por manter sobre a situação, tendo mais facilidade em reiniciar o abuso (por exemplo, uma pessoa da família fica a saber que o tio-avô tocou no corpo de uma sobrinha-neta de um modo estranho e mostrou o volume do seu órgão sexual erecto debaixo das calças a um neto. Como pensa tratar-se de uma brincadeira ou uma invenção das crianças, ou simplesmente não quer criar problemas na família, prefere ignorar, guardando silêncio e remetendo os relatos das crianças ao esquecimento. O agressor, poderá, assim, continuar o abuso, sem impedimentos. As crianças tenderão a não contar a mais ninguém, por achar que não acreditarão nelas mais, etc.). (pp. 66-69)

Citado de

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA - **Manual core. Para o atendimento de crianças vítimas de violência sexual: compreender.** Lisboa: APAV, 2002.

[Disponível on-line »](#)

A violência sexual contra as crianças implica a prática de um ou mais crimes contra a criança, designadamente o abuso sexual de menor, o lenocínio, a violação, o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, entre outros. A prática destes crimes implica o surgimento de fenómenos específicos complexos que assolam muitos países e com expressão social significativa: o tráfico de crianças para fins de exploração comercial; a produção e disseminação de material pornográfico envolvendo crianças; o turismo sexual de agressores de crianças; a prostituição infantil e o abuso sexual incestuoso”.

[APAV, 2002: 19-20](#)



Há ainda muitas falsas crenças acerca do abuso sexual de criança, que contribuem para ocultar mais ainda este problema. Muitas pessoas pensam que os abusos sexuais infantis não são frequentes, que só o sexo feminino é vítima de abusos sexuais, que os agressores sexuais sofrem de algum transtorno e que isto só acontece em ambientes desfavorecidos. Da mesma forma é errado crer que actualmente há mais casos de abuso sexual infantil, que a culpa é da criança, porque seduziu o agressor ou que os abusos sexuais estão sempre associados a violência física (...).

[Jorge, 2010: 1-2](#)

Sobre Abuso Sexual Intrafamiliar recomendamos

Análise do abuso sexual em criança e jovens no contexto intra e extra familiar (2011)

Dissertação de Mestrado de Francisco José Monteiro de Paiva Taveira: "De uma forma genérica, os maus tratos podem ser definidos como qualquer forma de tratamento físico e/ou emocional, não acidental e inadequado, resultante de disfunções e/ou carências nas relações entre crianças ou jovens e pessoas mais velhas, num contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e/ou poder. Podem manifes-

tar-se por comportamentos activos (físicos, emocionais ou sexuais) ou passivos (omissão ou negligência nos cuidados e/ou afectos). Pela maneira reiterada como geralmente acontecem, privam a vítima dos seus direitos e liberdades afectando, de forma concreta ou potencial, a sua saúde, desenvolvimento (físico, psicológico e social) e/ou dignidade.

observar-se em diferentes contextos, designadamente o familiar, o social e o institucional. Assim, as crianças e jovens podem ser maltratadas por um dos pais ou por ambos, por um cuidador, por um irmão ou outro familiar, por uma pessoa conhecida ou por um estranho. O abusador pode ser um adulto ou um jovem mais velho. (p. 24)

Estes conflitos podem [Disponível on-line »](#)

Crianças Vítimas de Abuso Sexual Intrafamiliar e suas Respectivas Mães: Auto percepção, Relações Interpessoais e Representação de Objeto (2011)

Tese de Mestrado de Virgínia Graciela Wassermann: "No Brasil, assim como no mundo, a violência que vitima a criança é considerada um grave problema de saúde pública. Dentre as formas de expressão hediondas da violência, insurge o abuso sexual contra o menor praticado no âmbito familiar. As repercussões desta violência perpassam os papéis de agressor-vítima, alastrando-se por toda a estrutura familiar. Este tipo de violência gera na criança

problemas sociais, psicológicos e cognitivos por toda a sua vida. O objetivo geral deste estudo é compreender e identificar a qualidade da auto percepção, das relações interpessoais e da representação de objeto nas crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar, assim como, nas suas respectivas mães. Para isso, foram elaboradas duas seções de estudo: uma teórica e uma empírica".

[Disponível on-line »](#)



Autores da Foto: Alunos de Fotografia da Escola Profissional de Imagem

Percepção de crianças expostas à violência interpaparental (2010)

Dissertação de Mestrado de Daniela Raquel de Oliveira Caprichoso: "A presente dissertação debruça-se sobre a problemática da exposição de crianças à violência interpaparental e a forma como as mesmas percebem o problema. (...) Os resultados sugerem que muitas das crianças expostas à violência interpaparental são também alvo directo de comportamentos abusivos no seu seio familiar. (...) O estudo de caso permitiu comparar as percepções de dois jovens expostos durante vários anos à violência interpaparental".

[Disponível on-line »](#)



Estudo dos Mitos e Crenças que os Professores possuem acerca do Abuso Sexual Infantil (2010)

Dissertação de Mestrado de Ana Natália Seabra Jorge: "O objectivo geral deste estudo foi avaliar os conhecimentos e atitudes dos professores sobre a temática do abuso sexual infantil. Deste modo, surge a seguinte questão: — Existem falsas crenças e mitos acerca do abuso sexual infantil nos professores?"

O método de pesquisa foi do tipo quantitativo e o instrumento administrado foi um questionário. A amostra, não probabilística e por conveniência, integrou 71 professores e educadores de infância do ensino público.

Os resultados mostraram, que os professores apresentam falsas crenças e mitos relativamente aos abusos sexuais infantis, à excepção no que se refere aos itens que compõem a subescala — responsabilidade. Verifica-se que factores

como a idade, o sexo e a experiência profissional não influenciaram o Índice de Percepção da Realidade, havendo resultados que nos mostram que não há diferenças significativas, quanto ao sexo. A classe etária dos professores com idades inferiores a 31 anos e superiores a 50 anos, possuem menos mitos e falsas crenças. Por último, a categoria de experiência profissional < 5 anos é a única que possui valor médio mais alto, ou seja menos mitos e falsas crenças. Um outro aspecto ainda a salientar é que os professores carecem de habilidades de afrontamento perante uma suspeita de abuso sexual infantil, não reconhecendo os recursos sociais disponíveis na comunidade. Finalizando constatou-se a ausência de qualquer tipo de formação na área do abuso sexual infantil".

[Disponível on-line »](#)

O abuso sexual infantil foi em tempos (século XX) minimizado nas muitas teorias no âmbito da psicologia, ignorando a responsabilidade do abusador (...), atribuindo à fantasia infantil, ou até mesmo menosprezado, devido à crença de que a criança tinha incapacidade de testemunhar (...).

O declínio da culpabilização da criança e da responsabilidade do abusador, teve início nas décadas de setenta/oitenta, mas nunca desapareceu por completo (...). Nesta década teve início, um conjunto de estudos epidemiológicos que trouxeram números inesperados sobre a prevalência do abuso sexual, constituindo agora, numa nova preocupação social (...).

[Jorge, 2010: 4](#)



A noção de abuso surge apenas com a alteração da imagem da criança na sociedade, como o sujeito é provido de direitos e características específicas, competindo à sociedade um papel protector e securizante, permitindo assegurar o seu desenvolvimento (...). Hoje sabe-se que o abuso sexual de menores abarca diversas dimensões: médica, social, legal e psicológica.

[Jorge, 2010: 4-5](#)



As vivências maternas diante do abuso sexual intrafamiliar (2010)

De Joana Lima e Maria de Fátima Pereira Alberto: "Este artigo tem como objetivo analisar as vivências subjetivas das mães que tiveram suas filhas abusadas sexualmente dentro do contexto familiar. Participaram da pesquisa 13 mães, entre 25 e 50 anos, atendidas no Programa Sentinela, selecionadas por conveniência, com amostra determinada por critério de

saturação, submetidas à entrevista semiestruturada, com questões versando sobre dados biosociodemográficos e história de vida e submetidas à técnica de análise de conteúdo temático. As vivências subjetivas diante da situação revelada são experimentadas a partir de sentimentos negativos como culpa, desconfiância, desamparo e embotamento afetivo,

associam ainda à sua experiência, quando foram também vitimadas na infância. As mães tornam-se alvos de carga emocional negativa, que leva ao sofrimento subjetivo, o que norteia a forma com que se posicionam e procedem diante do conhecimento do abuso".

[Disponível on-line »](#)

Mães de meninas vítimas de abuso sexual: aquilo que não se pode dizer (2010)

De Márcia Candelaria da Rocha: "Esta dissertação tem como objetivo analisar e identificar as possíveis motivações que levam as mães a não acreditar na situação de abuso sexual que envolve suas filhas e seus companheiros, sejam eles pais ou padrastos, bem como o posicionamento subjetivo das mães diante da denúncia. Nesta perspectiva, foram considerados os aspectos rela-

cionados à história de vida materna e as possíveis conexões com o abuso sexual sofrido pelas filhas. (...) Foram entrevistadas sete mães que não acreditaram na denúncia de abuso sexual contra suas filhas, por parte de seus companheiros. (...) Os resultados indicam que as mães que desmentem a denúncia de abuso sexual, longe de estar na posição de cúmplices, podem estar

se apoiando em mecanismo de defesa na tentativa de negar a realidade que se coloca de forma tão ameaçadora, associado a elementos de sua própria história de vida. A transmissão transgeracional surgiu como um dado importante ao mostrar a repetição da história de abuso sexual presente na vida das próprias mães entrevistadas".

[Disponível on-line »](#)

Abuso sexual intrafamiliar: da notificação ao depoimento no contexto processual-penal (2010)

Artigo de Veleida Dobke e outros.

[Disponível on-line »](#)

Estratégias de Coping em Crianças Vítimas de Abuso Sexual (2009)

De Daniela Barros, o presente estudo tem como principal objectivo investigar as estratégias de *coping* adoptadas por crianças vítimas e não vítimas de abuso sexual, no sentido de compreender quais os tipos de estratégias mais usados para lidar com as situações stressoras.

Sobre **Consequências**

do Abuso Sexual na Criança leia da página 9 à 12.

"Quando a vítima é então uma criança, existe a possibilidade de cair na armadilha e tende a adaptar-se à violência. Trata-se de situações essencialmente repetitivas, impulsionadas pelo constrangimento interno que move o autor dos

abusos diante de uma presa fácil (...). quando o abusador é um familiar a situação é bastante difícil para a criança. Embora possam existir fortes conflitos e sentimentos sobre o abusador, a protecção da criança deve continuar a ser uma prioridade (...).

[Disponível on-line »](#)

A criança vítima de violência sexual intrafamiliar: como operacionalizar as visitas? (2009)

De Maria Regina de Azambuja.

[Disponível on-line »](#)

Revelação do abuso sexual infantil: reações maternas (2009)

De Samara Silva dos Santos e Débora Dalbosco Dell'Aglio: "A literatura tem indicado que mães de crianças vítimas de abuso sexual, ao tomarem conhecimento da situação de abuso de suas filhas, podem apresentar uma variedade de manifestações, que podem incluir ansiedade, depressão e estresse pós-traumático. Além disso, a reação frente à revelação pode ser de apoio e protecção ou, ainda, de evitação, indiferença ou ambivalência.

Este estudo teve como objetivo investigar como mães de meninas abusadas sexualmente reagiram quando tomaram conhecimento do abuso. Foram entrevistadas 10 participantes que estavam sendo acolhidas em serviços especializados em situações de violência, em hospital público de Porto Alegre. As reações maternas foram classificadas em positivas e ambivalentes. A maioria das mães acreditou no relato das filhas e denunciou o abuso, embora nem todas

tenham sido protetivas no sentido de afastar suas filhas do abusador ou de imediatamente procurar ajuda e realizar denúncia. Os fatores que contribuíram para as reações maternas também são discutidos".

[Disponível on-line »](#)

O abuso sexual tem impacto na criança de diferentes formas (...).

Estudar o impacto impõe que se tenha em consideração um conjunto de factores (...).

Estes (...) relacionam-se quer com características individuais da

própria criança, como o género, a idade, o seu estilo atribucional, a sua experiência prévia e representações

construídas, quer com características situacionais, relacionadas

com características particulares do evento que a vitimou tais

como, a duração e a frequência do abuso

sexual; tipo e severidade do abuso; o uso da força ou da violência;

o relacionamento da criança com o abusador (agressor ser familiar ou não) (...)

A idade e o sexo do abusador, os efeitos da revelação do abuso, a personalidade da vítima

são outros aspectos a ter em consideração quando analisamos o impacto de um

abuso sexual.

[Jorge, 2010: 6](#)

(...) a maior vulnerabilidade ao abuso por crianças com deficiência pode estar relacionado com a dependência destas crianças para com os cuidadores e estes fomentarem a submissão da criança, facilitando o abuso sexual. Outra das razões pode ter a ver com o facto destas crianças com défices cognitivos apresentarem mais dificuldades para discriminar as condutas mais abusivas por parte do agressor.

[Jorge, 2010: 12](#)

Quando os abusos sexuais ocorrem na família, a criança pode ter medo da ira do parente abusador, medo das possibilidades de vingança ou vergonha dos outros membros da família ou, pior ainda, pode temer que a família se desintegre ao descobrir o seu segredo

(...)

[Barros, 2009: 7](#)



Grupo multifamiliar: espaço para a escuta das famílias em situação de abuso sexual (2009)

Artigo de Liana Fortunato Costa e outros: "Apresentamos uma pesquisa de avaliação de como famílias que foram intimadas e encaminhadas pela Justiça participam nos Grupos Multifamiliares. As famílias integradas nesses grupos passaram pelo estudo psicossocial em função de terem uma criança ou adolescente em situação de abuso sexual. Vinte e oito famílias foram contata-

das, mas somente conseguimos entrevistar oito. Nosso objetivo foi focar a relação desenvolvida entre as famílias, entre os membros internos de cada unidade familiar e entre as famílias e os profissionais presentes nas sessões dos Grupos Multifamiliares. Buscamos conhecer benefícios e limites desta intervenção psicossocial. As mudanças avaliadas se deram nos relaciona-

mentos com maior contato físico com as crianças, em uma maior conversa entre os membros da família e na aceitação de orientações de profissionais. Os resultados apontaram ainda a necessidade de criar oportunidades de lazer com as crianças/adolescentes vítimas de abuso e de se ter disponibilidade e atenção para ouvi-las".

[Disponível on-line »](#)

Coping with the Shock of Intrafamilial Sexual Abuse: Information for Parents and Caregivers (2009)

Publicação da *Child Sexual Abuse Committee of the National Child Traumatic Stress Network*.

[Disponível on-line »](#)

Quanto às características familiares, vários autores estão de acordo quando referem os factores de risco que caracterizam a família da vítima, tais como a vítima ter uma família formada por um só dos pais (família monoparental) ou reconstituída, modelo familiar patriarcal, relações incestuosas entre outros membros da família, inadequação da relação conjugal, ausência prolongada da mãe, pobre relação com os pais, mau trato físico e emocional na família, depressão, alcoolismo, toxicodpendência (...). No estudo português de Fávoro (2003) constatou-se que a maioria das vítimas provinha de famílias cujas relações eram conflituosas.

Jorge, 2010: 12

Afetividade e vínculo que embalam e abalam a relação entre mãe e filha vítimas de abuso sexual (2009)

Dissertação de Mestrado de Mariana de Silvério Arantes: "O objetivo desta pesquisa é investigar a afetividade no vínculo mãe e filha vítimas de abuso sexual, procurando

compreender as lógicas afetivas de conduta que permeiam o papel de mãe e filha, averiguando questões relativas à transgeracionalidade no que tange à

repetição ou modificação dos modelos aprendidos pelas mães com suas famílias na infância".

[Disponível on-line »](#)

Abuso sexual infantil y síndrome de alienación parental: criterios diferenciales (2009)

Artigo de N. Pereda e M. Arch: "El abuso sexual infantil y los denominados casos de interferencias parental son situaciones de especial gravedad para los menores que las padecen, así como de evidente dificultad para su adecuado diagnóstico y abordaje profesional. Discernir cuando el profesional se encuentra ante uno u otro caso entraña una complejidad para la que son necesarios una for-

mación adecuada y unos criterios fiables. El presente trabajo tiene como objetivo aportar algunos de los criterios recogidos de las publicaciones al respecto, que pretenden facilitar la diferenciación entre ambas situaciones. El análisis del relato del menor, así como diferentes indicadores clínicos presentes en una parte importante de las víctimas de abuso sexual pueden ayudar al

profesional a tomar una decisión al respecto. Los efectos de un error diagnóstico en cualquiera de estos casos conllevaría un gran perjuicio para el menor, su familia y el sistema social, siendo fundamental que el profesional evite participar activamente en una evaluación de este tipo si no se dispone de la adecuada formación y experiencia".

[Disponível on-line »](#)

Reacciones maternas inusuales frente al incesto paterno – filial. Una mirada analógica desde el análisis de la película "volver" (2009)

Artigo de Juan Paulo Marchant Espinoza e Evelyn Soledad Soto Castillo: "El presente estudio se enmarca dentro de la temática incestuosa, relacionada y analizada con la película de Pedro Almodóvar: Volver (2006). Es un acercamiento descriptivo sobre las reacciones

maternas en este tipo de maltrato infantil, teniendo en consideración que puede ser del tipo endogámico o exogámico. Es necesario tener presente que este trabajo se centra en el marco del incesto paterno-filial, en el cual el padre abusa de su hija (o un padrastro de su

hijastra) e instala un vínculo sexual genital con ella que persiste en el tiempo y que se caracteriza por la exigencia de guardar silencio".

[Disponível on-line »](#)

Más allá de las sexualidades posibles. Dilemas de las prácticas incestuosas (2009)

Artigo de Carlos Eduardo Figari: "Las relaciones incestuosas constituyen prácticas sexuales entre parientes consanguíneos, hetero u homosexualmente orientadas, muchas veces desde la sanción, lo abyecto y lo repugnante. No obstante, una de las hipótesis de este artículo es que también es posible

detectar narrativas que presentan otras formas posibles de relaciones incestuosas cuando éstas no son forzadas, es decir, cuando se dan entre personas adultas y con el consentimiento de las mismas. En este trabajo me propongo analizar y discutir relatos de experiencias incestuosas consentidas, obtenidas en los

ámbitos rural y urbano en Argentina entre los años 2005 y 2007, con el fin de describir los distintos sentidos atribuidos a las mismas, de acuerdo con la clase social, el tipo de relación consanguínea o los estilos de vida y orientación sexual de sus protagonistas".

[Disponível on-line »](#)

Significados y respuestas de las madres al abuso sexual de sus hijas (os) (2009)

De Margarita Arango e Fernando Correa: "Se presentan los resultados de una investigación dirigida a comprender los significados y las respuestas de madres frente al abuso sexual de sus hijas e hijos, para generar un

conocimiento útil en la construcción de políticas y programas más pertinentes en la atención de este fenómeno. Es un estudio cualitativo que empleó como método los grupos de discusión con cinco madres de cuatro niñas y

un niño, menores de 10 años, víctimas de abuso sexual, quienes asistían a consulta psicológica en dos centros de atención a la familia de la ciudad de Medellín, en el año 2005".

[Disponível on-line »](#)



Os factores de risco associados aos pais são, por exemplo, o facto de terem antecedentes de maus tratos na infância. Terem idade inferior a 20 anos, ausência de hábitos de trabalho. A falta de afecto físico e emocional do pai, o isolamento social, histórias incestuosas dentro da família.

[Jorge, 2010: 13-14](#)

Crianças e jovens maltratados e suas famílias: uma abordagem clínica e da saúde (2008)



Autores da Foto: Alunos de Fotografia da Escola Profissional de Imagem

Dissertação de Doutorado de António Alves do Rego: "Admitindo-se que as perturbações psicopatológicas se podem encontrar aquém e além (como causa ou consequência) do acto violento, o presente estudo investiga em que medida os pais maltratantes de seus filhos são indivíduos com tais perturbações e em que medida as crianças e jovens maltratados sofrem de depressão. Para isso, apoiámo-nos em testes aferidos e válidos, de reconhecido mérito. Avaliamos um conjunto de dados que nos permitem compreender hábitos, atitudes e valores e, deste modo, distinguir famílias sinalizadas como maltratantes, das famílias não sinalizadas e, para isso apoiámo-nos em inquéritos. Dos dados da investigação, concluímos: os pais maltratantes de seus filhos apresentam perturbações psicopatológicas com significativo índice de mal-estar; as crianças e jovens maltratados não apresentam sintomas de depressão; os hábitos, atitudes, valores e cuidados educacionais e familiares, influenciam o comportamento das famílias maltratantes. residentes no concelho de Torres Novas, onde se desenvolveu o estudo".

[Disponível on-line »](#)

Histórias de Vida Tocadas pela Violência: Impacto e Representações das Crianças Vítimas de Violência Interparental (2008)

Dissertação de Mestrado de Maria José Guedes Coutinho. [Disponível on-line »](#)

Entre o público e o privado: abuso sexual, família e rede de atendimento (2008)

Tese de Mestrado de Cátula da Luz Pelisoli: "Este trabalho investigou o abuso sexual, a partir (...) três estudos empíricos. (...)

O segundo trabalho empírico estudou como irmãs gêmeas, vítimas de abuso sexual intrafamiliar, percebiam as relações em sua família, em termos de coesão, hierarquia, afetividade, conflito e identificação. Os resultados demonstraram baixa coesão, alta hierarquia com alto poder aos abusadores, baixa auto-congruência e identificação das vítimas com os abusadores.

O último estudo mostrou que três meninas de diferentes famílias percebiam suas relações com os abusadores como pouco afetivas e muito conflituosas, da mesma forma que viam o relacionamento de seus pais (abusador x mãe/madrasta). Mães e irmãos são modelos para elas, enquanto os pais não o são. Destaca-se a importância de ampliar o conhecimento sobre as famílias em que acontece o abuso sexual, aplicando-o tanto em medidas de prevenção quanto de tratamento. Medidas preventivas podem atuar como promo-

toras de denúncia e minimização do impacto no desenvolvimento dessas vítimas. Um aperfeiçoamento dos modelos de tratamento, incluindo maior integração das mães e irmãos pode contribuir para fortalecer essas relações, possibilitando uma recuperação mais consistente para a vítima".

[Disponível on-line »](#)

Repercussões do abuso sexual incestuoso sobre a relação mãe x filha (2008)

Texto de Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas e outros: "Esta pesquisa buscou compreender a relação entre mães e filhas após a descoberta e denúncia do abuso sexual incestuoso sofrido pela criança. Foram entrevistadas quatro mulheres que denunciaram o abuso incestuoso sofrido pelas filhas. Suas falas foram submetidas à análise de conteúdo. Os resultados

demonstram que essas mulheres são muito exigentes em relação a si mesmas quanto ao papel de mães e conduzem as relações com suas filhas numa tentativa constante de protegê-las. Esse desejo de proteger a filha é tão forte, que dificulta a construção de novos relacionamentos amorosos. Todas apresentam medo de confiar novamente em um parceiro,

tendo em vista o temor de que ele possa se tornar um novo agressor de sua filha. Isso permite pensar na dificuldade dessas mulheres de viver novos relacionamentos amorosos ou mesmo conviver com outros homens em espaços comuns".

[Disponível on-line »](#)

Abuso sexual intrafamiliar. Estudio exploratorio de la madre que denuncia (2008)

Artigo de María Viviana Torres.

[Disponível on-line »](#)

The UN Secretary-General's study on violence against children: the way forward (2008)

De Paulo Sérgio Pinheiro.

[Disponível on-line »](#)

Infância ferida: os vínculos da criança abusada sexualmente em seus diferentes espaços sociais (2007)

Dissertação de Mestrado de Clinaura Lima: "A pesquisa propõe-se a abordar os aspectos vinculares das crianças abusadas sexualmente em seus diferentes espaços sociais, identificando fatores dificultadores de restabelecimento dos vínculos, o sentido atribuído pela família nas experiências de rompimento desses vínculos no desenvolvimento das crianças e na dinâmica familiar, além de presentificar as manifestações desses compor-

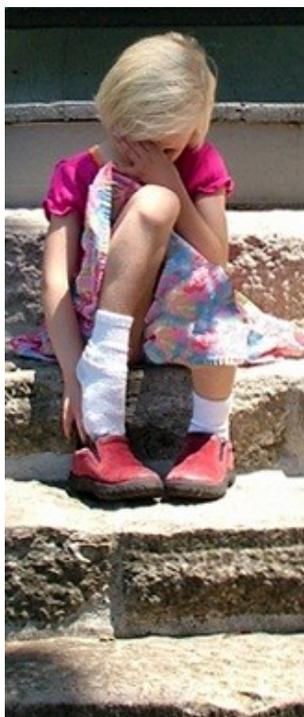
tamentos nos espaços de convivência frequentados por elas".

[Disponível on-line »](#)

As implicações do abuso sexual infantil no desenvolvimento individual podem traduzir-se em sérias consequências físicas, sexuais, emocionais, cognitivo-comportamentais. Os efeitos do abuso podem persistir na idade adulta, com elevado risco de resultar em desordem psiquiátrica, consumo de substâncias, ou experiência de formas diversas de violência (...). Uma das maiores consequências, comumente apontada nos vários estudos do abuso sexual infantil são as ações auto-destrutivas. Quando se fala das consequências do abuso sexual infantil, não nos podemos esquecer dos vários factores que estão inerentes, como tipos de actividade sexual; relação com o agressor; estratégia utilizada pelo agressor; duração e frequência; idade da vítima.

[Jorge, 2010: 13-14](#)

Mães de meninas que sofreram abuso sexual intrafamiliar: reações maternas e multigeracionalidade (2007)



De Samara Silva dos Santos, "Esta dissertação de Mestrado teve como objetivo discutir as características de mães de crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar, considerando aspectos relacionados às reações maternas frente à revelação do abuso e à multigeracionalidade. Este trabalho foi dividido em três artigos, sendo um teórico e dois empíricos. O primeiro apresenta uma revisão de literatura referente à temática do

abuso sexual, suas repercussões e aspectos relacionados à figura materna. O segundo artigo investigou como mães de meninas abusadas sexualmente reagiram quando tomaram conhecimento do abuso, observando suas atitudes de proteção e denúncia. O terceiro artigo explorou aspectos relacionados à multigeracionalidade, a partir de quatro casos de mães que também sofreram violência sexual na infância. Dis-

cute-se o papel da mãe diante do abuso sexual de suas filhas, que geralmente vivencia esse processo tanto como vítima quanto como testemunha. Destaca-se a necessidade de um maior conhecimento da dinâmica psicológica familiar nos casos de abuso sexual, que possa trazer subsídios para trabalhos direcionados ao acolhimento e intervenção nestas situações".

[Disponível on-line »](#)

Violência intrafamiliar: a compreensão de psicólogos que atendem em instituições crianças do sexo masculino, vítimas do abuso sexual (2007)

Dissertação de Mestrado de Moacyr Ferreira Pires Filho: "Este estudo tem como objetivo compreender, a partir dos relatos de psicólogos que atendem em instituições, o impacto do abuso sexual intrafamiliar, nas crianças do sexo masculino vitimizadas. (...) Foi constatado que o sofrimento trazido por essas crianças e suas famílias, em confronto com os procedimentos dominantes nas instituições que lhes prestam atendimento, tendem a recolocá-las em uma nova situação de estresse, pois trazem à tona todo o processo da violência sofrida. Evidenciou-se a importância do vínculo da criança com a psicóloga para uma abordagem mais adequada do pro-

blema, como também do investimento familiar, pois as consequências psicológicas se tornam mais ou menos difíceis de serem superadas, de acordo com as reações da família frente à situação do abuso. Geralmente as crianças que sofreram o abuso apresentam sintomas do "transtorno de estresse pós-traumático e transtornos dissociativos". As entrevistadas apontam como consequências psicológicas mais frequentes: pesadelos, terror noturno, depressão, rebaixamento da auto-estima, autonomia comprometida, medo da homossexualidade, confusão e dúvidas com relação a orientação sexual. Nas relações interpessoais, demonstram apatia, passividade, inconstância de com-

portamento, com expressões de agressividade e de exacerbação da sexualidade, dificuldade para criar vínculos afetivos e bloqueios na expressão de sentimentos. Na escola há indícios de embotamento na participação com o grupo social, apresentando bloqueio cognitivo, o que compromete o processo de aprendizagem".

[Disponível on-line »](#)

Pai, afasta de mim esse cálice: um estudo sobre o incesto abusivo intrafamiliar pai-filha (2007)

De Glauce Barrêto Pereira: "As pesquisas no Brasil e no mundo constataam que o abuso sexual perpetrado por pais contra filhas é uma prática que ultrapassa os limites das fronteiras geográficas ou culturais. Nossa pesquisa teve por objetivo compreender, através de um estudo de caso, a geração, manutenção e transmis-

são dos elementos que perpetuam a violência intrafamiliar, no que concerne ao incesto abusivo pai-filha. (...) Nosso estudo constatou que em meio à teia perversa que caracteriza as relações interpessoais na violência intrafamiliar, o abuso sexual incestuoso se sobressai como a face mais dura desse universo e reafir-

ma o seu estatuto de expoente máximo enquanto fator patológico na dinâmica desse conjunto de sujeitos - hoje denominado família abusiva - comprometendo o psiquismo individual e grupal de seus membros".

[Disponível on-line »](#)

O feminino, o incesto e a sedução: problematizando os discursos de culpabilização das mulheres e das meninas diante da violação sexual (2007)

De Martha Narvaz e Sílvia Helena Koller: "O objetivo deste trabalho é problematizar os discursos de culpabilização feminina nos casos de abuso sexual. Temos encontrado discursos que atribuem às mulheres e às meninas vítimas de abuso sexual a culpa pelas violações sofridas, uma vez acu-

sadas de sedutoras e provocadoras. Tais discursos têm atravessado os tempos, circulando desde as tragédias e mitos gregos até a atualidade em diferentes sociedades. Nesse contexto, destacamos o papel da Psicanálise Freudiana enquanto discurso normativo do feminino que, baseada

em alguns equívocos, parece ter contribuído à reificação da sedução na cena incestuosa. Há, portanto, que desvelar tais discursos, identificar seus efeitos e problematizar suas naturalizações, ao que nos propomos através do presente trabalho".

[Disponível on-line »](#)

A vitimização secundária de crianças e adolescentes e a violência sexual intrafamiliar (2007)

De Luciane Potter Bitencourt.

[Disponível on-line »](#)

No que diz respeito às falsas crenças acerca do abuso sexual infantil, Del Campo (2001) realizou um estudo com uma amostra variada de pais (252), professores (26), menores (113), acerca dos conhecimentos do abuso sexual infantil. Del Campo obteve resultados, quanto à frequência do abuso sexual infantil, a grande maioria dos professores pensam que os abusos sexuais são menos frequentes do que mostra a realidade e 35% estão convencidos de que é um problema actual.

O pai biológico e o padrasto aparecem como principais perpetradores do abuso sexual (...). Nas famílias incestuosas foram reconhecidos alguns factores de risco: pai e/ou mãe abusados ou negligenciados nas suas famílias de origem; abuso de drogas/álcool; papéis sexuais rígidos; falta de comunicação entre os membros da família; autoritarismo; stress, desemprego; indiferença; mãe se passiva/ausente; famílias reestruturadas; isolamento social; pais que sofrem transtornos psíquicos; doença; morte ou separação do cônjuge; mudanças de comportamento da criança, incluindo conduta hipersexualizada (...).

Jorge, 2010: 18

Família e abuso sexual: silêncio e sofrimento entre a denúncia e a intervenção terapêutica (2007)

Artigo de Liana Fortunato Costa e outros: "Apresentamos reflexões sobre as condições emocionais e psicológicas que famílias, com crianças e/ou adolescentes abusadas sexualmente, têm antes de qualquer atendimento terapêutico".

[Disponível on-line »](#)

A percepção de família em vítimas de abuso sexual intrafamiliar: Estudo de caso (2007)

De Cátula Pelisoli e outros: "Este trabalho teve como objetivo investigar as percepções sobre a família em duas meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar. As participantes eram irmãs gêmeas de 12 anos, abusadas pelo avô paterno, pai e tio, e que responderam a uma entrevista semi-estruturada e instrumentos sobre família (Family System Test (FAST), Teste de Identificação da Família (Family Identification Test (FIT) e Familiograma). Os resultados apontaram para uma baixa coesão familiar, alta hierarquia com alto poder dos abusadores, baixa autocongruência e identificação com o agressor em ambas as meninas, assim como a escolha da mãe como modelo a ser seguido. A afetividade foi descrita em relação a cada membro da família e variou de baixa a média. Já o conflito variou de baixo a alto. A entrevista revelou indicadores de tendência ao isolamento, baixa autoestima, atitudes agressivas, sentimentos de culpa, medo e vergonha. Ressalta-se a necessidade de estudos que possibilitem a ampliação do conhecimento da dinâmica familiar envolvida nestes casos".

[Disponível on-line »](#)

Intervenção Social em Casos de Abuso Sexual a Menores (2006)

De Ana Rita Lopes Pereira, esta monografia "destina-se a aprofundar a aplicação dos métodos e técnicas de investigação científica, bem como desenvolver os conhecimentos teóricos e práticos relacionados com a problemática dos abusos sexuais e a respectiva intervenção dos profissionais e entidades envolvidas. (...) para além de muitas ilações conseguidas, umas das principais, foi, efectivamente, a importância de uma formação específica na área dos maus-tratos (abusos sexuais), de todos os profissionais que trabalham directa ou indirectamente com crianças. Com essa formação pretende-se proporcionar mais eficácia em todas as fases de intervenção: na sinalização, na investigação; no acompanhamento; e no encaminhamento".

[Disponível on-line »](#)

“Cinderela”: do conto de fadas à realidade. Perspectiva sobre os maus-tratos infantis (2006)

De Dora Simões e outros: “Este estudo aplica a hipótese de que a presença de um pai adoptivo constitui um importante factor de risco de ocorrência de violência infantil intrafamiliar (Daly e Wilson, 1988a e b), porque o parentesco entre pai/mãe adoptivo e criança é nulo, não havendo, evolutivamente meca-

nismos inibitórios da agressividade entre indivíduos não aparentados, como os que existem entre parentes. A amostra incluiu 100 crianças maltratadas, diagnosticadas no Instituto de Medicina Legal de Coimbra, em 2002 e 2003, com idades compreendidas entre os 0 e os 16 anos. Os resultados sugerem haver maior

propensão para a violência nas famílias reconstituídas, destacando-se a figura masculina como principal agressor. A violência atingiu crianças de todas as idades e sexos, sendo mais frequente o abuso sexual em raparigas com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos”.

[Disponível on-line »](#)

Avaliação e intervenção psicológica para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar (2006)

Tese de Mestrado de Luísa Fernanda Habigzang: “O presente estudo teve como objetivo aplicar e avaliar o efeito de um modelo de grupo-terapia cognitivo-comportamental para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar. Participaram do estudo 10 meninas com idade entre 09 e 13 anos. As participantes foram clinicamente avaliadas em três encontros individuais, nos quais foram aplicados instrumentos psicológicos que avaliaram sintomas de ansiedade, depressão, transtorno do stress pós-traumático, stress infantil e crenças e percepções da criança em relação à experiência abusiva. Após a avaliação

clínica, as participantes foram encaminhadas para a grupoterapia, constituída por 20 sessões semi-estruturadas. O processo terapêutico foi dividido em três etapas, segundo os objetivos e técnicas aplicadas, em: psicoeducação, treino de inoculação do stress e prevenção à recaída. A reavaliação clínica foi realizada após cada etapa da intervenção e os resultados apontaram que as meninas apresentaram melhoras significativas nos sintomas de depressão, ansiedade e transtorno do stress pós-traumático, bem como reestruturaram crenças disfuncionais sobre culpa, diferença em relação aos pares, percepção de

credibilidade e confiança. Tais resultados sugerem que a grupoterapia foi efetiva, reduzindo a sintomatologia das participantes e proporcionando a elaboração de pensamentos funcionais em relação ao abuso sexual”.

[Disponível on-line »](#)

“No estudo de Fávero (2003) já referenciado, a autora constatou que a maioria dos agressores eram homens, encontrando 10,3 % de mulheres agressoras. (...) A maioria destes agressores é conhecida da vítima (25,8 %), sendo familiar. Quanto ao nível cultural, 5,2 % possui nível de estudos médio ou superior. As estratégias utilizadas não se ficam pela violência. A ameaça de violência física, só veio a verificar em 6,9 % dos casos. Os agressores utilizaram maioritariamente, o engano, a pressão, a persuasão ou a surpresa”.

[Jorge, 2010: 19](#)

É importante salientar que, os agressores sexuais não são só do sexo masculino, as mulheres encontram-se entre 3 a 15 % do total das agressões sexuais (...). A típica mulher abusadora tem entre 20 e 30 anos de idade, com antecedentes de uma família disfuncional, e em muitos dos casos, a agressora experienciou abuso físico, emocional e sexual. Podem também sofrer de distúrbios psicológicos, com percepções distorcidas.

Jorge, 2010: 20

Abuso sexual e sociometria: um estudo dos vínculos afetivos em famílias incestuosas (2006)

Artigo de Delane Pessoa Matias: "O trabalho descrito neste artigo teve como objetivo estudar os vínculos afetivos em famílias onde ocorrem relações incestuosas. Foram estudadas duas famílias atendidas pelo Núcleo de Combate à Violência e Exploração Sexual da Secretaria de Ação Social do Estado do Ceará, sendo as vítimas do sexo feminino, uma de 7 anos e outra de 14 anos, ambas abusadas pelo pai e padrasto, respectivamente".

[Disponível on-line »](#)

World Report on Violence against Children (2006)

Relatório de Paulo Sérgio Pinheiro. [Disponível on-line »](#)

A Concepção de Família de uma Mulher, Mãe de Vítimas de Incesto (2006)

Artigo de Martha Narvaz e Sílvia Koller: "O objetivo deste estudo foi o de investigar os discursos patriarcais inscritos nas concepções de família que têm sido mantidos ainda na atualidade. A participante do estudo foi uma mulher-mãe, vítima de violência na infância e na vida adulta, cujas filhas foram vítimas de incesto".

[Disponível on-line »](#)

Incesto: um pacto de silêncio (2006)

Artigo de Maria Berenice Dias: "Afirma que os crimes que envolvem a sexualidade de crianças e adolescentes, em particular o incesto, ainda são tratados como segredo, e que somente um número mínimo de ocorrências denuncia que nem o vínculo de sangue nem a orientação sexual têm significado nesses casos. Incesto, muitas vezes o abusador fica impune enquanto à vítima restam graves danos psíquicos.

Lembra que a imagem da família feliz é hoje uma utopia e é preciso desmascarar os agressores, fazendo valer a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente e as demais normas a esse respeito.

Por meio de exemplos, analisa que, no caso de

cializadas para os processos em que crianças e adolescentes forem vítimas de abuso sexual, e fala do papel do IBD-FAM (Instituto Brasileiro de Direito de Família – Seção Distrito Federal) nesse sentido".

[Disponível on-line »](#)

Histórias que se repetem: o abuso sexual incestuoso atravessando gerações (2005)

De Sandra Eloiza Paulino, “este trabalho tem como objetivo compreender a família em que ocorre o abuso sexual intrafamiliar ou incestuoso, que se repete em diferentes gerações, sinalizando caminhos para a intervenção. Para aproximação da temática foi utilizada a experiência profissional da autora como Assistente Social no Programa de Atenção à Violência Sexual – PAVAS, da Faculdade de Saúde Pública da USP. A partir de um levantamento dos prontuários dos casos envolvendo abuso sexual de crianças ou adolescentes do sexo feminino e seus respectivos pais ou padrastos, focalizou-se

casos em que também havia acontecido abuso sexual na geração anterior, ou seja, envolvendo mães das crianças ou adolescentes atendidos no Programa. Após, foi utilizado um estudo de caso, sendo este analisado com base na teoria sistêmica, de modo a compreender a dinâmica de uma família em que as relações estão envolvidas ao incesto. Partiu-se da hipótese de que a relação incestuosa vivida pela mulher em sua infância faz com ela tenha como modelo e referência de família aquela já conhecida, a qual faz com que inconscientemente ela procure estabelecer relações afetivas dentro dos moldes socialmente

apreendidos por ela, o que implica reproduzir os padrões abusivos que foram historicamente construídos pelas relações familiares e que podem ser transmitidos por legado. Os resultados apontam para o complexo sistema familiar, o qual é capaz de determinar as regras a serem seguidas pelos elementos que o compõem e para a necessidade de criação de políticas de intervenção que tratem a família em que ocorre o abuso sexual incestuoso e não seus componentes isoladamente, evitando, assim, cristalizar os personagens em “vítimas e algozes”.

[Disponível on-line »](#)



Direitos humanos e abuso sexual intrafamiliar: o Programa Sentinela como instrumento de conquista da cidadania (2005)

De Marcelo Alves Pereira Eufrásio, “O presente trabalho trata da interação entre direitos humanos, abuso sexual intrafamiliar e cidadania, enfatizando a questão da conquista da cidadania das vítimas de abuso sexual em Campina Grande, através do acesso ao Programa Sentinela, responsável por tutelar

os direitos fundamentais das crianças e adolescentes atingidas pelo problema da violência sexual, numa perspectiva interdisciplinar, considerando que o entrelaçamento de diferentes áreas do conhecimento, possibilitou dar sustentabilidade teórico-metodológica à

consecução dos objetivos almejados”.

[Disponível on-line »](#)

“(…) a maior parte das crianças vítimas de abuso sexual não revelam o abuso e as famílias, por vezes, mantém o abuso sexual em segredo, deixando de ser um suporte para a criança, especialmente, se o abusador for membro da família”.

[Jorge, 2010: 24](#)

Segundo Phasha (2008), alguns professores não reportam o abuso sexual infantil, por causa do receio de sofrerem queixas civis. O autor refere o papel importante das escolas, como sendo o local que pode assegurar, que a criança recebe a ajuda necessária. O professor pode ainda facilitar a revelação e garantir que as medidas estão a ser tomadas para a protecção da criança. Os administradores da escola devem suportar a decisão do professor em denunciar o abuso sexual infantil.

[Jorge, 2010: 20](#)

Auto-conceito de crianças expostas à violência interparental (2005)

Monografia de Daniela Delfina Rato Martins: "O auto-conceito refere-se, genericamente, à imagem que cada um tem de si próprio. Trata-se de uma construção realizada individualmente com base na forma como os outros observam o indivíduo, como ele se vê a si próprio em situações específicas e a avaliação que realiza do seu comportamento com base em valores do seu grupo normativo de referência. Partindo do pressuposto que o auto-conceito é uma construção igualmente influenciada pelos valores que são partilhados pelo grupo de referência do indivíduo, surge o presente estudo que procurou analisar a existência de correlações entre o auto-conceito de 35 crianças e jovens que estão na Protecção de Menores de Santarém e Leiria, testemunhas de violência (conflito) interparental".

[Disponível on-line »](#)

Violência sexual familiar: significados da experiência vivida por duas crianças de 7 anos (2005)

Dissertação de Mestrado de Fernanda Silvério de Faria.

[Disponível on-line »](#)

Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos (2005)

De Luísa F. Habigzang e outros: "Este estudo apresenta o mapeamento de fatores de risco para abuso sexual intra-familiar identificados nos processos jurídicos do Ministério Público do Rio Grande do Sul – Brasil por violência sexual, no período entre 1992 e 1998. A análise de 71 expedientes apresenta o perfil das vítimas e a caracterização da violência sexual, dos agressores e das famílias. Os resultados apontaram que o desemprego, famílias reconstituídas, abuso de álcool e drogas, dificuldades económicas e presença de outras formas de violência constituíram os principais fatores de risco associados ao abuso sexual. Tais resultados podem subsidiar ações preventivas e terapêuticas para situações de violência sexual contra crianças e adolescentes".

[Disponível on-line »](#)

Abuso sexual doméstico: desproteção e configurações da grupalidade familiar (2004)

Dissertação de Mestrado de Edson Alves de Oliveira.

[Disponível on-line »](#)

O Grupo Multifamiliar como um método de intervenção em situações de abuso sexual infantil (2005)

Artigo de Liana Fortunato Costa e outros: "Neste texto, apresentamos nossa proposta para uma intervenção psicossocial com famílias nas quais ocorreu abuso sexual envolvendo crianças e/ou adolescentes, a partir de uma adaptação de um modelo de Grupo Multifamiliar, para esse tipo de contexto. O objetivo geral desse projeto visa a aprofundar e ampliar o conhecimento na área

de metodologia de Grupo Multifamiliar, direcionado ao contexto clínico, numa modalidade de atendimento especial que ocorre a partir de intimação judicial. Pretendemos, ainda, apontar os limites teórico-metodológicos e as possibilidades de trabalhar em Grupo Multifamiliar com a problemática da violência intrafamiliar, mais especificamente, com o abuso sexual envolvendo crianças e

seus pais. As crianças, por intermédio de várias estratégias expositivas e expressivas, conseguem indicar como querem e precisam ser cuidadas no dia-a-dia. Por parte dos adultos, ocorre uma melhor compreensão de seus deveres em relação aos cuidados para com suas próprias crianças e as demais da comunidade".

[Disponível on-line »](#)



As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental (2004)

Tese de Doutoramento em Psicologia de Ana Isabel Martins Sani: "O problema das crianças expostas à violência interparental constitui o tema central desta dissertação. A crescente consciência social e profissional relativamente ao problema do abuso infantil em geral e a

maior atenção dada à coexistência de múltiplas situações abusivas num mesmo contexto têm contribuído para aumentar a visibilidade do fenómeno da vitimação indirecta de crianças (...). É inequívoco o risco que enfrentam estas crianças quando expostas à violência na família,

devido a análise do impacto compreender o estudo das principais variáveis que podem mediar o conflito interparental e o ajustamento da criança, sendo os efeitos directos e indirectos perceptíveis a vários níveis (...)".

[Disponível on-line »](#)

Quem são as mães das vítimas de incesto? (2003)

Artigo de Martha Giudice Narvaz: "O interesse pelo tema do presente estudo surgiu a partir da escuta cotidiana de famílias, em especial de mulheres vítimas de violência doméstica e suas filhas vítimas de

incesto, com as quais temos trabalhado enquanto terapeuta familiar sistêmica em um hospital da Rede Pública de Porto Alegre. Nossa inserção em outros espaços da rede social enquanto militan-

te de Movimentos de Direitos Humanos, de Direitos das Crianças e das Mulheres também contribuíram para o interesse por esta investigação.

(continua)

"(...) de acordo com Renk, Lilyquist, Steinberg, Bosco e Phares (2002), 81 % dos professores dizem não receber informação sobre o abuso sexual infantil, 66 % dizem não receber nenhum treino específico para lidar com esta problemática, e 76 % revelam uma incapacidade de reconhecer o abuso físico, emocional, negligência e abuso sexual.

[Jorge, 2010: 27](#)



É importante o público em geral, reconhecer de que o agressor, é muitas vezes um membro da família da vítima, e que estes, funcionam normalmente na sociedade. Usam a força/agressão para iniciar a relação de abuso e usam estratégias de autoridade, ameaça, para manter a relação abusiva, sem sentirem culpa, vergonha ou ansiedade.

[Jorge, 2010: 29](#)

Nossa escuta ecológica sistêmica (...) se dava não só em relação às subjetividades destas mulheres e meninas vitimadas, mas à dinâmica da família e do contexto social e comunitário em que estavam inscritas. Ao darmos voz às mães das vítimas de incesto, desvelou-se uma outra realidade: a de que também elas, as

mães, tinham sido vítimas de abuso sexual em sua infância, memórias só agora resgatadas (Narvaz, 2001).

Nossa escuta ecológica sistêmica (...) se dava não só em relação às subjetividades destas mulheres e meninas vitimadas, mas à dinâmica da família e do contexto social e comu-

nitário em que estavam inscritas. Ao darmos voz às mães das vítimas de incesto, desvelou-se uma outra realidade: a de que também elas, as mães, tinham sido vítimas de abuso sexual em sua infância, memórias só agora resgatadas (Narvaz, 2001).

[Disponível on-line »](#)

Os maus tratos às crianças na família (2002)

Artigo de Helena Nunes de Almeida e outros: "Maltratam-se em Portugal crianças de todos os grupos etários, dos dois sexos, independentemente da sua ordem na fratria; e crianças pertencentes a todos os tipos de famílias, aos diferentes meios sociais. No entanto, as modalidades distintas de abuso e negligência estão associadas aos contextos de pertença da criança e da sua família.

Os profissionais de saúde encontram-se numa posição insubstituível no que toca à detecção da grande variedade dos maus tratos às crianças e constituem um posto de vigilância essencial para dois tipos de maus tratos, que dificilmente passam pelo crivo do olhar dos outros técnicos: o abuso ao embrião/feto/recém-nascido, e o abuso sexual. A presença de várias formas de pobre-

za (em recursos materiais ou escolares), assim como a falta de equipamentos e de serviços de apoio à família assumem, no cenário português, um relevo singular. Ligado a este aspecto estrutural, surge o peso do alcoolismo, estatisticamente muito mais significativo do que o da toxicod dependência".

[Disponível on-line »](#)

A moralidade do abuso sexual intrafamiliar em menores (2002)

Artigo de Álvaro E. Morales e outro: "Este artigo analisa a moralidade do abuso sexual em menores, tendo em conta as características da vítima e seu meio familiar e do processo, desde a ocorrência do fato até a denúncia por parte dos familiares e

conhecidos, a atenção prestada pelas instituições estatais à vítima e à família, bem como os meios probatórios usados pelos órgãos judiciais no julgamento do provável agressor. Os autores discutem as questões éticas da dinâmica do abuso sexual

intrafamiliar, baseados em alguns princípios: autodeterminação, justiça, igualdade, equidade, consentimento livre e esclarecido, não maleficência/beneficência, entre outros".

[Disponível on-line »](#)

Famílias que maltratam: uma tentativa de socialização pela violência (2002)

De Lidia Weber e outros: "Esta pesquisa teve como objetivo descrever o perfil das famílias envolvidas nas denúncias feitas ao programa SOS Criança de Curitiba entre os anos de 1995 e 2000. As pesquisadoras examinaram o conteúdo de 400 documentos, que continuam o registro de crianças e adolescentes (entre 0 e 18 anos) vítimas de maus-tratos. A análise das denúncias comprovadas revelou que os vizinhos denunciaram mais frequentemente (64,9%). As denúncias envolveram 51,0% de casos de agressão física, 34,4% de negligência intrafamiliar, 7,3% de abandono e 7,3% de abuso sexual. Das vítimas, 48,5% eram do sexo feminino e 51,5% do sexo masculino. Dos agressores, 54,1% eram mães, 15,3% eram pais e 14,4% eram pais e mães. Os maus-tratos são um desrespeito contra as crianças e ferem seus direitos. Concluiu-se que a situação é de urgência, necessitando mais estudos científicos e medidas sociais mais eficazes".

[Disponível on-line »](#)

Abuso sexual incestuoso: o que sentem as mulheres/mães? (2001)

De Rosana Morgado: "A violência doméstica contra crianças e adolescentes, embora não se constitua em fenômeno recente, continua ainda "desconhecida" do público em geral. O presente artigo problematiza suas causas e características, enfatizando as particularidades do abuso sexual incestuoso. O processo de investigação conduziu a necessidade de analisar os sentimentos vivenciados pelas mulheres/mães neste processo, especialmente por serem, pela literatura e senso comum, culpabilizadas pela violência sofrida por suas filhas. Estas mulheres/mães figuram como passivas, omissas, negligentes ou cúmplices, contudo, a análise de diversas entrevistas possibilitou identificar posturas, por elas assumidas, de enfrentamento".

[Disponível on-line »](#)

A maternidade na adolescência num contexto de abuso sexual na família (1998)

De Maria José Gil e Patrícia Lucas. [Disponível on-line »](#)

Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual (1998)

Artigo de Mayte Raya Amazarray e Sílvia Helena Koller.

[Disponível on-line »](#)

O abuso sexual infantil tem-se tornado uma questão social e as escolas podem ser um veículo importante na sinalização e intervenção neste fenômeno. Porém, a grande barreira em denunciar os casos de abuso sexual infantil às autoridades apropriadas é a incapacidade de identificar as vítimas (...). Para que os professores sejam capazes de detectar, denunciar e saber lidar com a vítima de abuso sexual, passa fundamentalmente, pela prevenção. Esta pode ser feita, através de vários instrumentos, como a formação académica, programas de prevenção que podem ajudar a mudar as percepções e crenças do abuso sexual infantil.

[Jorge, 2010: 52](#)

Relativamente à natureza jurídica dos crimes contra a autodeterminação sexual, praticados contra menor, são agora, por regra, crimes públicos, isto é, o procedimento criminal não depende de queixa (artigo 178.º do CP)

A excepção é a natureza semi-pública que se reserva para o crime de actos sexuais com adolescentes previsto no artigo 173.º CP (artigo 178.º, n.º 2 do CP).

Perdigão, 2009: 279

Enquadramento Legal

Código Penal, alterado pela **Lei n.º 59/2007, de 4 de Setembro**:

- Abuso sexual de Crianças: artigo 171.º
- Abuso sexual de menores dependentes: artigo 172, n.º 1
- Actos sexuais com adolescentes: artigo 173.º
- Prostituição de menores: artigo 174.º
- Lenocínio de menores: artigo 175.º
- Pornografia de menores: artigo 176.º
- Agravação das penas: artigo 177.º

Código Penal [disponível on-line](#) »

Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro

Sublinha a imposição de que quer as entidades com competência na área da Infância e Juventude (entidades de 1º nível) quer as Comissões de Protecção de Crianças e Jovens – CPCJ (entidades de 2º nível), devem comunicar às entidades policiais ou ao Ministério Público as situações de perigo que resultam da prática de um crime.

[Disponível on-line](#) »

Alterações publicadas na **Lei n.º 31/2003 de 22 de Agosto** [disponíveis on-line](#) »

Fonte: **Guia dos Direitos da Criança**, de Ana Perdigão e Ana Sotto-Mayor Pinto, editado em 2009 pelo Instituto de Apoio à Criança. pp. 275-279.



Dados Estatísticos

Relatório Anual de Segurança Interna 2010 (2011)

Da responsabilidade do Gabinete do Secretário Geral do Sistema de Segurança Interna em Portugal. As estatísticas sobre crimes sexuais situa-se entre as páginas 108 e 111 com destaque para a última que menciona precisamente dados sobre o abuso intrafamiliar.

[Disponível on-line »](#)

Estratégias de Coping em Crianças Vítimas de Abuso Sexual (2009)

De Daniela Barros: "Segundo Azevedo e Maia (2006) estamos longe de ter conhecimento exacto sobre a verdadeira dimensão da ocorrência do abuso sexual infantil no nosso país. Segundo Marinheiro e Dionísio (1992, citado por Azevedo & Maia, 2006) serão aproximadamente 45.000 as crianças vítimas de violência física e psíquica. Num estudo realizado por Figueiredo e colaboradores (2004, citado por Azevedo & Maia, 2006) revelou que a frequência do abuso físico no nosso país é muito elevada e que 2,6 % dos sujeitos relatam terem sido vítimas de abuso sexual.

Os estudos realizados em Portugal demonstram que as vítimas não apresentam queixa, nem recorrem aos serviços de protecção (Fávero, 2003). Segundo Santos (1996, citado por Fávero, 2003), em Portugal encontram-se ocultos numerosos casos de abuso sexual infantil em que tanto as vítimas como a família e os profissionais desenvolveram várias justificações para não denunciar.

Segundo vários estudos, um dos factores que leva a criança a não revelar o ocorrido são ameaças do adulto, medo de não ter credibilidade, sentimento de culpa e vergonha

(Gabel, 1997; Ribeiro et al., 2004). Alguns casos de abuso ocorrem em idades muito precoces, pelo que as limitações verbais da criança em idade pré-escolar dificultam frequentemente o conhecimento das situações (Cantón Duarte, 1998, citado por Fávero, 2003). Segundo Azevedo e Maia (2006), as vítimas em Portugal de abuso sexual são, maioritariamente, do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 9 e os 14 anos. Em relação aos agressores, estes são quase sempre pessoas conhecidas pela criança, a maior das vezes é o pai ou o padrasto. (p. 32)

[Disponível on-line »](#)



“(...) segundo Amaro (1986, citado por Azevedo & Maia, 2006) em Portugal podemos distinguir três condições potenciadoras de maus-tratos: baixo estrato sócio-económico dos pais (e.g., o analfabetismo, a habitação degradada, baixos rendimentos, desemprego, etc.); a ideia que a população portuguesa tem sobre o poder paternal no que diz respeito ao castigo dos filhos (e.g., castigar excessivamente os filhos); e o consumo excessivo de álcool”

[Barros, 2009: 33](#)

(...) quando as crianças são abusadas há o risco dos outros membros da família, como a mãe e os irmãos mais velhos, protegerem o abusador com medo de represálias. A mãe, muitas vezes protege o marido, podendo isto acontecer porque, por exemplo não tem como sustentar a casa, caso o marido saia do lar (...).

Barros, 2009: 7

Violence against children in the home and family (2006)

Relatório Mundial das Nações Unidas: "The WHO estimates that 150 million girls and 73 million boys under 18 have experienced forced sexual intercourse or other forms of sexual violence involving physical contact, though this is certainly an underestimate. Much of this sexual violence is inflicted by family members or other

people residing in or visiting a child's family home – people normally trusted by children and often responsible for their care.

A review of epidemiological surveys from 21 countries, mainly high- and middle-income countries, found that at least 7% of females (ranging up to 36%)

and 3% of males (ranging up to 29%) reported sexual victimization during their childhood. According to these studies, between 14% and 56% of the sexual abuse of girls, and up to 25% of the sexual abuse of boys, was perpetrated by relatives or step-parents".

Disponível on-line »

Sites Recomendados

- [National Center for Missing & Exploited Children](#)
- [Child Rights Information Network \(CRIN\) Children and Violence](#)
- [Special Representative of the Secretary-General on Violence against Children](#)
- [ECPAT International](#)
- [Associação Portuguesa para o Estudo e Prevenção dos Abusos Sexuais de Crianças](#)
- [International Centre for Missing & Exploited Children \(ICMEC\)](#)
- [Childabuse.com](#)



Autores da Foto: Alunos de Fotografia da Escola Profissional de Imagem